



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

O IMPACTO DAS FAKE NEWS NO REFORÇO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E NA PERPETUAÇÃO DE VIOLÊNCIAS SIMBÓLICAS

EIXO 17 - GÊNERO, SEXUALIDADE E TECNOLOGIAS DIGITAIS: VOZES, RESISTÊNCIA E PRÁTICAS NA CONTEMPORANEIDADE / AXIS 17 - GENDER, SEXUALITY, AND DIGITAL TECHNOLOGIES: VOICES, RESISTANCE, AND PRACTICES IN CONTEMPORANEITY (ONLINE)

Maria Silvia Ferreira Alves de Oliveira ¹

RESUMO

Este estudo investiga o impacto das fake news na reprodução de estereótipos de gênero e na perpetuação de violências simbólicas contra as mulheres, destacando a Educação Midiática como instrumento de empoderamento e crítica social. A pesquisa ocorreu em contexto não formal, por meio de uma oficina com mulheres de 20 a 65 anos, participantes de um curso de empreendedorismo. A metodologia consistiu na análise de conteúdos falsos disseminados em redes sociais e aplicativos de mensagens, identificando estereótipos de gênero e violências simbólicas. Os resultados indicam que tais conteúdos restringem a atuação social das mulheres, reforçando papéis de submissão e preconceitos históricos. Conclui-se que a Educação Midiática e a alfabetização digital são estratégias fundamentais para promover a emancipação crítica das mulheres.

Palavras-chave: Fake news, estereótipos de gênero, violências simbólicas, educação midiática, cidadania digital.

¹ Educadora Social, especialista em Educomunicação- USP, mariasilviaoliveirabr@gmail.com



INTRODUÇÃO

A proliferação das fake news nas redes digitais, tem exacerbado processos de estigmatização social, especialmente no que tange à reprodução de estereótipos de gênero e à perpetuação de violências simbólicas contra as mulheres. Este trabalho objetiva analisar como as fake news atuam como instrumentos de reforço de papéis sociais historicamente atribuídos às mulheres, limitando suas possibilidades de inserção e participação social.

A escolha da temática se justifica pela necessidade premente de refletir sobre os impactos das desinformações no processo de construção das identidades femininas, sobretudo em contextos de vulnerabilidade social. O fenômeno das fake news potencializa dinâmicas de exclusão ao reforçar representações misóginas que impedem a plena participação das mulheres na sociedade.

A investigação foi realizada no âmbito de uma oficina de Educação Midiática, destinada a mulheres adultas participantes de um curso de empreendedorismo digital, com idades entre 20 e 65 anos, em uma sala de aula virtual e não formal. A relevância da Educação Midiática emerge como um eixo estruturante desta pesquisa, na medida em que se configura como ferramenta essencial para fomentar a autonomia crítica frente aos discursos desinformativos e às violências simbólicas.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, cuja metodologia centrou-se na realização de uma oficina de Educação Midiática, desenvolvida em ambiente virtual e não formal. O público participante foi composto por mulheres adultas, com faixa etária variando entre 20 e 65 anos, inscritas em um curso de formação em empreendedorismo feminino na Escola de Negócio em uma organização não governamental.

Os procedimentos metodológicos compreenderam a seleção e análise de conteúdos classificados como fake news, amplamente disseminados por meio de redes sociais e



aplicativos de mensagens instantâneas, notadamente o WhatsApp e o Facebook. A análise de conteúdo foi utilizada como técnica de investigação, visando identificar recorrências discursivas relacionadas à reprodução de estereótipos de gênero e manifestações de violência simbólica.

A intervenção pedagógica, conduzida nos moldes da pedagogia crítica freiriana, proporcionou um espaço dialógico e reflexivo, no qual as participantes puderam problematizar conteúdos desinformativos e construir coletivamente saberes voltados para a emancipação digital.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta investigação ancora-se, primeiramente, no conceito de violência simbólica delineado por Pierre Bourdieu (1999), que a compreende como um mecanismo sutil e imperceptível de dominação social, mediante o qual se perpetuam desigualdades e hierarquias de poder no tecido social.

A análise também se ampara na teoria da interseccionalidade, proposta por Kimberlé Crenshaw (1989), que possibilita compreender como as múltiplas dimensões da identidade — gênero, raça, classe, entre outras — interagem e se sobrepõem, agravando a vulnerabilidade das mulheres frente aos efeitos nocivos das fake news.

A pedagogia crítica, conforme delineada por Paulo Freire (1996), constitui o alicerce epistemológico e metodológico desta pesquisa, orientando as práticas pedagógicas desenvolvidas na oficina de Educação Midiática e fomentando a construção de uma consciência crítica acerca dos processos de desinformação e suas implicações sociais e políticas.

Educação Midiática é compreendida neste estudo como um processo formativo que visa desenvolver competências críticas para o acesso, análise, avaliação e criação de conteúdos midiáticos. Segundo a UNESCO (2013), a Educação Midiática e Informacional é fundamental para o fortalecimento da cidadania, ao capacitar indivíduos a interagir de maneira ética e reflexiva no ecossistema digital.

Para Kellner e Share (2007), a Educação Midiática promove a alfabetização crítica, necessária para resistir às manipulações e discursos hegemônicos que circulam nos meios



de comunicação, o que se torna ainda mais relevante quando se considera a instrumentalização das fake news na manutenção das desigualdades de gênero.

Por sua vez, o conceito de Cidadania Digital articula-se diretamente com a Educação Midiática. De acordo com Rivoltella (2019), trata-se de um conjunto de competências que permite aos sujeitos participarem ativamente das sociedades conectadas, exercendo seus direitos e cumprindo deveres de forma crítica, ética e responsável. Sonia Livingstone (2014) acrescenta que a cidadania digital envolve não apenas a proteção e segurança online, mas também a capacidade de agir para transformar os ambientes digitais, promovendo justiça social e equidade.

Nesse sentido, Educação Midiática e Cidadania Digital são concebidas como dimensões indissociáveis de uma mesma proposta emancipatória, especialmente relevantes para mulheres em contextos de vulnerabilidade, frequentemente alijadas dos processos de construção de saberes críticos sobre as tecnologias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da análise de conteúdo das fake news selecionadas revelaram a presença recorrente de narrativas que reforçam estereótipos de gênero, tais como a atribuição da irracionalidade, da fragilidade emocional e da inadequação das mulheres aos espaços de poder e decisão. Esses discursos desinformativos não apenas consolidam imagens pejorativas acerca do feminino, mas também legitimam e naturalizam formas diversas de violência simbólica.

As discussões realizadas no contexto da oficina evidenciaram que, embora inicialmente algumas participantes naturalizassem tais conteúdos, a mediação pedagógica possibilitou o desenvolvimento de uma postura mais crítica frente às mensagens analisadas, favorecendo a desnaturalização de preconceitos internalizados e o fortalecimento da autonomia digital.

As participantes relataram perceber com maior clareza como conteúdos aparentemente inofensivos carregam discursos misóginos, e como a circulação acrítica dessas informações contribui para o reforço de papéis sociais excludentes. Esse processo de conscientização, mediado pela Educação Midiática, apontou para a construção de novas



práticas de resistência e para o fortalecimento de uma cidadania digital mais ativa e consciente.

A pesquisa corrobora achados de investigações anteriores que apontam a íntima relação entre os processos de desinformação e a manutenção de estruturas sociais opressivas, especialmente no que se refere à perpetuação de estereótipos de gênero. Assim, reafirma-se a importância estratégica da Educação Midiática enquanto instrumento de resistência e transformação social, particularmente no enfrentamento das violências simbólicas que incidem sobre as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação demonstrou que as fake news, para além de sua função desinformativa, operam como dispositivos de reforço de estereótipos de gênero e de perpetuação de violências simbólicas contra as mulheres. A intervenção educativa, materializada na oficina de Educação Midiática, revelou-se um espaço privilegiado para a promoção do pensamento crítico e para o fortalecimento da cidadania digital das participantes.

Dessa forma, destaca-se a necessidade de ampliar e consolidar políticas públicas voltadas à Educação Midiática, bem como iniciativas de alfabetização digital que considerem as especificidades das mulheres em situação de vulnerabilidade social. A inserção da Educação Midiática nos currículos formais e não formais deve ser entendida como prioridade, na medida em que promove a emancipação e contribui para a construção de sociedades mais justas e igualitárias.

Ademais, sugere-se o aprofundamento de investigações que analisem os efeitos das fake news sobre diferentes grupos sociais, a fim de subsidiar a formulação de estratégias pedagógicas e políticas de enfrentamento às diversas formas de violência simbólica, fortalecendo, assim, o exercício pleno da cidadania digital crítica e emancipatória.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.



CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Critical media literacy, democracy, and the reconstruction of education. In: D. Macedo & S.R. Steinberg (Eds.), *Media Literacy: A Reader*. New York: Peter Lang, 2007.

LIVINGSTONE, Sonia. Digital literacy and the digital society. In: Knobel, M.; Lankshear, C. (Eds.). *Digital literacies: concepts, policies and practices*. New York: Peter Lang, 2014.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. Educação para a cidadania digital: uma perspectiva crítica. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 100, n. 255, p. 457-475, 2019.

UNESCO. *Media and Information Literacy: Policy and Strategy Guidelines*. Paris: UNESCO, 2013.